

TORCIDAS E NOVAS INVENÇÕES DE TORCER E PRÁTICAS DE COMBATE ÀS OPRESSÕES NAS ARQUIBANCADAS

CROWDS AND NEW INVENTIONS FOR SUPPORTING AND PRACTICES TO COMBAT OPPRESSION IN THE BEANCADS

GUSTAVO CÉSAR ARÊAS DE SOUZA*

JORGE AMILCAR DE CASTRO SANTANA**

Resumo: O artigo investiga ações e práticas de combate ao machismo, racismo e homofobia entre as torcidas de futebol na atualidade. Analisamos as ações de combate ao racismo da torcida do Fluminense e da torcida do Vasco da Gama, em relação ao combate a homofobia e como tais ações estão ancoradas nas respectivas identidades. Dessa forma, analisamos ações e práticas que estão sendo construídas pelo chão da arquibancada e formando uma nova configuração da forma de torcer nos estádios brasileiros. Tais mudanças são efeitos de lutas e conquistas dos movimentos negro, feminista e LGBTQI+ nos últimos anos no Brasil.

Palavras-chaves: Torcida; Racismo; Homofobia; Futebol

Abstract: The article investigates the actions and practices of soccer fans in contemporary times to combat homophobia, sexism and racism. We analyze the actions to combat racism by Fluminense fans and Vasco da Gama fans in relation to combating homophobia and how such actions are anchored in identities. In this way, we analyze actions and practices that are being built on the floor of the stands and forming a new configuration of the way of cheering in Brazilian stadiums. Such changes are effects of the struggles and achievements of the black, feminist and LGBTQI+ movements in recent years in Brazil.

Keywords: Crowd; Racism; Homophobia; Soccer

* Doutorando em planejamento urbano e regional no IPPUR da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. (gustavo_areas@hotmail.com)

** Doutor em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor do Instituto Federal do Paraná, campus Campo Largo. (jorge.santana@ifpr.edu.br)

Introdução

Na construção da identidade brasileira, o futebol aparece como um importante marcador social, ele desempenha um importante papel como princípio aglutinador do “povo brasileiro”, na sua constituição como “nação”¹. Christian Bromberger (1998)² confere destaque ao futebol que, por sua popularidade, se oferece como um acontecimento exemplar que condensa e teatraliza, à maneira de uma ficção lúdica e dramática, os valores de nossas sociedades. Isto significa entendê-lo, também, como lugar de aprendizado de sentimentos e práticas, já que ritualiza a solidariedade e o conflito, a união e a separação, a alegria e a tristeza. Entende-se, a partir disso, que não se nasce torcedor, torna-se um, condição que possibilita experimentar tais sentimentos.

Entender o futebol como uma “das principais manifestações culturais brasileiras, constantemente atualizada e ressignificada pelos seus atores”³ significa pensar que ele não possui significados últimos que interfeririam na construção identitária nacional, mas que também é ressignificado por ela. Ele atravessa a construção da identidade brasileira e é uma forma de expressão dessa mesma identidade: “o futebol brasileiro pode (...) dizer algo sobre nós mesmos. Somos, portanto, o país do nosso futebol, dos nossos clubes, torcedores, dirigentes, jogadores e assim por diante”⁴.

Os esportes são parte importante da vida cotidiana na sociedade moderna e tiveram um papel de destaque no processo civilizador da sociedade ocidental. Mobilizando milhões de pessoas por todo o globo, fazem-se presentes em diversas esferas da vida social. Dentro deste quadro, é indubitável que o futebol ocupe uma posição de destaque. Nenhuma outra prática da cultura popular envolve tantos e desperta tamanho interesse e paixão⁵.

No início do século XX, no Brasil, o futebol resistia à entrada dos negros e classes populares. No decorrer do tempo, esses estratos sociais não só ocuparam os campos, como também as arquibancadas, promovendo a popularização do velho esporte bretão. Entretanto, isso não significou o fim do racismo no futebol brasileiro, que ainda se perpetua, como aponta

¹ GASTALDO, Édison Luís. O Complô da Torcida. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 11, n. 24, jul./dez. 2005.

² BROMBERGER, C. *Football, la bagatelle la plus sérieuse du monde*. Paris. Bayard, 1998.

³ DAOLIO, Jocimar. Superstição no Futebol Brasileiro. *In*: DAOLIO, Jocimar (org.). *Futebol, cultura e sociedade*. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2005, v. 1, p. 3-19.

⁴ DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2002.

⁵ HELAL, R.; SOARES, A.J. e LOVISOLO, H. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro, Mauad, 2001.

todos os anos o Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol, realizado pelo Observatório da Discriminação Racial no Futebol⁶.

Silvio de Almeida, em seu livro *Racismo Estrutural* (2018)⁷, defende que o racismo está na estrutura da sociedade brasileira, permeando todas as relações, sejam elas sociais, políticas, econômicas, jurídicas, vicinais e até familiares. No futebol, isso não é diferente, em especial nas arquibancadas e nas interações entre as torcidas, que produzem cantos e demais categorias de acusação contra as adversárias, calcadas em xingamentos e piadas racistas.

O *racismo recreativo*⁸ e demais provocações são invariavelmente atravessados pelo racismo e racismo de classe, principalmente contra as torcidas e times mais identificados cultural e historicamente com as camadas populares⁹. À guisa de exemplo, as maiores e mais populares torcidas do Brasil, a do Flamengo e do Corinthians, são insultadas pelos seus rivais com xingamentos racistas, desde “mulambada”, “bandidos”, “favelados”, “mortos de fome”, “macacos”, “macumbeiros”, entre outros. Nesse sentido, essas expressões e xingamentos têm como objetivo claro ofender a torcida adversária, a partir da máxima racista de que ser negro é uma característica negativa e desabonadora. É o ato de insultar o outro de inferior por ser negro enquanto o “nós” somos brancos e logo, superiores. Trata-se da alteridade de identidade acionada pelas torcidas a partir do marcador de raça.

O futebol, desde o seu nascimento, configurou-se como uma instituição masculina, assim como os demais esportes. Dessa maneira, nos diversos países em que é praticado, promove e reifica a construção de uma masculinidade hegemônica, calcada na heterogeneidade e suas performances¹⁰. As demais masculinidades e feminilidades são consideradas desviantes no meio do futebol, são marginalizadas e desprezadas. Essa masculinidade hegemônica é ativa não apenas dentro de campo, entre os jogadores, técnicos e demais profissionais, mas também nas arquibancadas.

O ato de torcer e seus cânticos estão embebidos da masculinidade hegemônica performada e das rivalidades entre as torcidas. Não à toa, muitos desses cânticos de torcidas são repletos de ofensas, expressões e apelidos que remetem aos adversários, sejam jogadores

⁶ O Observatório da Discriminação Racial no Futebol é um projeto criado em 2014 que tem como objetivos monitorar, acompanhar e noticiar casos de racismo futebolístico brasileiro. E também a divulgar e desenvolver ações afirmativas e educacionais que visem eliminar o racismo do futebol.

⁷ ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

⁸ MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019.

⁹ *Ibidem*, p. 95.

¹⁰ BANDEIRA, G. A.; SEFFNER, F. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural (Marechal Cândido Rondon. Online)**, v. 29, p. 246-270, 2013.

ou torcedores, a partir das masculinidades desviantes ou das feminilidades. A alteridade é construída em “nós” como “macho alfa” e os adversários como “mulherzinhas”, “marias”, “bichas”, “viados” “bambis”, etc. Dessa maneira, marcadores de raça, gênero e orientação sexual são acionados na produção de alteridade contra os torcedores rivais.

A homossexualidade é uma categoria de acusação, negativa e desabonadora, que é largamente acionada pelas torcidas em seus cânticos como forma de insulto aos seus arquirrivais. Insultar a torcida rival com expressões relacionadas à homossexualidade ou à feminilidade é acionar categorias negativas, rejeitadas pela masculinidade hegemônica. É característico das interações das torcidas promover a homofobia contra os adversários, como forma de ofender, insultar e diminuir, a partir do pressuposto que ser mulher ou gay é ser inferior. A desqualificação de ser gay, trans, *queer*, mulher ou de qualquer outra orientação sexual ou identidade sexual que não seja a masculina heterossexual. Neste artigo, analisamos duas iniciativas, a primeira da torcida do Fluminense em combater as práticas racistas e a segunda da torcida vascaína em excluir expressões racistas, homofóbicas, transfóbicas e misóginas dos seus cânticos.

Este artigo propõe uma análise metodológica dos processos sociais no contexto do futebol e da torcida, destacando as dimensões de gênero, raça e classe. Através de uma abordagem interdisciplinar e comparativa, buscamos compreender como essas torcidas têm impactado a experiência esportiva e político-social no Brasil.

A metodologia adotada neste estudo baseia-se em uma abordagem qualitativa, utilizando fontes históricas e análise documental. Para compreender a trajetória das torcidas, utilizamos como principal fonte o trabalho de Hollanda (2009), que desenvolve uma história social dos modelos coletivos do torcer e uma memória histórica das torcidas, destacando a importante resistência destas no futebol brasileiro. Nestes termos, escolhemos as torcidas do Clube de Regatas Vasco da Gama e do Fluminense Football Club.

A pesquisa sobre os movimentos políticos nas torcidas de futebol como campo de resistência cultural e democrático enfocou os temas da homofobia, racismo e machismo como objetos de análise. A coleta de dados foi realizada considerando categorias relacionadas à homofobia, racismo e machismo, identificando postagens, reportagens, aparições públicas que abordavam esses temas de forma direta ou indireta. Foram analisadas as estratégias utilizadas pelas torcidas para combater essas formas de discriminação, como campanhas de

conscientização, denúncias de casos de preconceito e apoio a causas relacionadas à diversidade e inclusão.

A análise dos dados coletados seguiu uma abordagem interpretativa, buscando identificar padrões de comportamento, construção de identidade, alteridade de diferença e posicionamentos políticos das torcidas de futebol. A triangulação de fontes e a constante revisão dos dados foram adotadas para garantir a validade e confiabilidade das conclusões.

A análise das torcidas, com destaque as de movimentos populares de torcedores, assim como as antifascistas, revelou a complexidade das relações de poder no futebol, evidenciando como questões de classe, raça, orientação sexual e gênero são redimensionadas por esses grupos. Em suma, a metodologia adotada neste estudo permitiu uma análise aprofundada da disputa pelos sentidos da arquibancada, destacando a importância de considerar as dimensões de gênero, orientação sexual, raça e classe na compreensão do fenômeno. Este trabalho não encerra a discussão, mas abre caminho para novas investigações sobre as sociabilidades e potencial político das torcidas organizadas no contexto esportivo.

Torcida do fluminense e ações de combate ao racismo

O Fluminense Football Club, nessa grafia em inglês, foi fundado em 1902, por parte da elite carioca da antiga capital federal do Brasil. O clube orgulha-se do título de primeira agremiação fundada especificamente para prática do velho esporte bretão no país¹¹. O time teve entre os seus fundadores membros da elite carioca. Esse passado nobre do clube é até hoje agenciado como categoria de acusação pelos torcedores rivais, como também de orgulho de parte dos torcedores tricolores. Um dos gritos da maior torcida organizada do Fluminense é: “Tá chegando a *playboyzada*, tá chegando a *playboyzada*”. A partir da categoria de *playboy*¹², a torcida se autointitula como nobre e pertencente às classes abastadas. O pretérito aristocrático do clube assentou um imaginário social que é acionado dentro da performance e interação entre as torcidas nos estádios e na vida social. Se a torcida tricolor se orgulha de ser chamada de “torcida de *playboy*”, as demais torcidas rivais usam o termo como categoria de acusação para denunciar os torcedores do Fluminense como elitistas.

¹¹ Apesar do Fluminense se autoafirmar como o primeiro clube de futebol do Brasil, há controvérsias históricas. O Sport Club Rio Grande, da cidade gaúcha fronteira de Rio Grande, reivindica o título de primeiro clube de futebol do país, sua fundação data de 1900. A Associação Atlética Ponte Preta, do interior paulista, reivindica o título de agremiação de futebol mais antiga, também fundada em 1900.

¹² “Playboy” é uma categoria nativa, adjetivo designado para caracterizar homens, jovens, ricos, abastados, com uma vida social intensa e proprietários de bens de consumo caros.

A história do Fluminense contribui para essa acusação de ser um time de “elite”, em especial devido a um incidente narrado pelo escritor Mário Filho (2010)¹³, em seu livro *O negro no futebol brasileiro*. Em 1914, quando Carlos Alberto foi jogar no time da Laranjeiras, passava pó de arroz no rosto supostamente para disfarçar a sua cor de pele, pois era proibido jogadores negros defenderem as cores do time na época. No dia 13 de maio de 1914, no decorrer da partida contra o América, à medida que o pó de arroz escorria, o suor de Carlos Alberto foi revelando sua cor negra, gerando o episódio histórico do pó de arroz.

Esse caso ficou marcado na história do Fluminense, o que contribui para as torcidas rivais acusarem o clube de elitista, racista e excludente. Historiadores, como Antônio Jorge Soares (1999)¹⁴, defendem que o incidente do pó de arroz não está registrado em nenhum jornal, como em nenhum registro histórico, além da obra de Mário Filho. Portanto, o tratam como a invenção de uma tradição. Polêmicas à parte, para grande parcela da população, o caso foi real e é usado como categoria de acusação contra os torcedores tricolores.

Toda essa história contribui para a construção no imaginário social popular do Fluminense como um clube de elite no futebol carioca. O episódio do pó de arroz soma-se ao fato de ser um clube situado num bairro nobre da Zona Sul¹⁵ do Rio de Janeiro, Laranjeiras, e ter como mascote o Cartola, uma figura que, no universo popular, é concebido como um “típico burguês”, personagem da fidalguia e pertencente à nobreza. Os torcedores rivais cariocas o acusam cotidianamente de clube da elite, ao mesmo tempo que se autoafirmam como pertencentes aos clubes populares e com forte participação de negros, favelados, trabalhadores, etc. Nesse sentido os torcedores do Vasco, Flamengo e Botafogo agenciam uma identidade popular, e o rival tricolor como antítese, concebido como um clube elitista, produzindo uma alteridade de identidade entre as torcidas.

Os torcedores vascaínos são categóricos em defender seu clube como “do povo”, devido à expulsão da agremiação da Liga Carioca em 1923. Na ocasião, o clube foi punido por não aceitar a determinação da Liga de excluir do seu plantel atletas negros e operários. Por outro lado, o Flamengo, devido à sua imensa torcida, com uma identidade popular e

¹³ *Ibidem* p. 5.

¹⁴ SOARES, Antônio Jorge. História e invenção de tradições no campo de futebol. **Revista Estudos Históricos**, v. 13, n. 23, 1999.

¹⁵ A Zona Sul é uma região da cidade do Rio de Janeiro que margeia parte da orla da Baía de Guanabara e da orla oceânica. É uma região com bairros nobres e famosos da cidade como Laranjeiras, Ipanema, Leblon, Leme, Copacabana, entre outros. É popularmente conhecida como morada das classes média e alta da sociedade carioca, apesar de ser uma região com favelas e a presença de camadas populares.

negra, reivindica-se como o legítimo time do povo. O cântico da torcida rubro-negra: “*Favela, favela, festa na favela*” é exemplar dessa identidade.

Apresentamos essa rápida retrospectiva histórica para apontar a caracterização corrente entre os torcedores do Rio de Janeiro, que acusam o Fluminense de ser um clube elitista, racista e excludente. Nos últimos anos, a torcida tricolor, assim como a própria instituição, tem buscado mudar essa identificação através de ações tanto no campo institucional, como por ações nas arquibancadas. Em suma, é uma procura por afirmar uma pluralidade social e racial na história e na torcida.

Uma dessas ações produzidas pela *Flu TV* (canal de televisão oficial do clube) foi a série documental “Herdeiros do Chico Guanabara”¹⁶, lançada em 2022, no site *Youtube*. Seus oito capítulos discorrem sobre a história do clube, da torcida com grande participação popular, de ações de combate ao racismo, ídolos negros e demais questões sociais e raciais. O título da série homenageia o torcedor Chico Guanabara¹⁷.

Contudo, é a mudança de cânticos da torcida do Fluminense que analisamos no presente artigo: como essa iniciativa está dentro de um escopo de ações de torcidas de diversos clubes que buscam combater o machismo, o racismo e a homofobia nas arquibancadas dos estádios brasileiros. Em novembro de 2021, a torcida Bravo 52¹⁸ do Fluminense, na partida contra o Internacional, anunciou a mudança da letra de um dos seus cânticos. A data não foi escolhida à toa; o duelo ocorreu no dia 23 daquele mês, três dias depois do Dia da Consciência Negra¹⁹.

¹⁶ Sinopse: a série pretende navegar não só pela história do personagem, como por temáticas e nomes que fizeram a história do Fluminense. De Escurinho a Didi, de Cartola a Washington e Assis e de Jovelina Pérola Negra a Waldo. A produção também pretende discutir o racismo estrutural e suas implicações nos corpos negros, a Belle Époque e o uso do pó de arroz, a profissionalização do futebol brasileiro, entre outros temas importantes.

¹⁷ O estádio de Laranjeiras era dividido em duas áreas: a arquibancada, onde se situavam os torcedores nobres do clube e a geral, onde ficavam os torcedores pobres. Na geral o torcedor negro e pobre Chico Guanabara destacava-se como um dos mais entusiasmados. Gritava, torcia e defendia o seu clube de coração com entusiasmo. Portanto, ficou conhecido como torcedor símbolo e atualmente é reivindicado como uma evidência de que o clube não era apenas composto de membros da elite.

¹⁸ A torcida Bravo 52 foi fundada em 2009, por torcedores do Fluminense. A torcida foi fundada a partir da inspiração nas torcidas argentinas, as famosas Barras. É uma característica da Bravo 52 apoiar o time incondicionalmente, ganhando ou perdendo, a criação de novas músicas e a promoção uma festa nos estádios aos moldes das torcidas sul-americanas. A criação da Bravo 52 está na esteira do século XXI de um movimento de criação de torcidas de clubes brasileiras com inspiração nas torcidas argentinas.

¹⁹ Apesar de não ser um feriado internacional, o dia 20 de novembro é o Dia da Consciência Negra e feriado nacional. O dia foi escolhido como data para celebração da negritude, das contribuições afro-brasileiras e de combate ao racismo no Brasil. A data foi escolhida, por ter sido o dia em que o líder quilombola Zumbi dos Palmares foi assassinado, em 1685.

A alteração foi feita na letra do cântico “Desde Pequeno Eu Te Sigo”, que celebra a paixão pelo clube das Laranjeiras, mas que em determinado trecho faz uma provocação ao arquirrival da Gávea. Nessa parte da letra diz:

Desde pequeno te sigo

(Pedro Machado)

Nós enchemos jogo às 11 da matina, ô, ô, ô
Nós calamos a la 12 na Argentina, ô, ô, ô
Nossa torcida canta e pula o jogo todo
Não é pequena como a do Botafogo
Vascaíno, são paulino e palmeirense
Nunca fizeram uma festa como a gente

E pra você flamenguista me escuta!
Mulambo imundo, filha da puta!
Mulambo imundo, filha da puta!

A torcida decidiu por alterar o último verso “Mulambo imundo, filha da puta”, uma menção provocativa e agressiva contra a torcida do Flamengo²⁰. Apesar do xingamento, a parte alterada foi apenas a do “Mulambo imundo”, pois os torcedores da Bravo 52 avaliaram que o adjetivo mulambo tem uma origem racista e, portanto, deveria ser excluída para não consolidar ações e práticas racistas no estádio de futebol. O termo considerado atualmente como inapropriado foi substituído por: “Volta pro remo”²¹.

A declaração postada pela conta oficial da torcida na rede social Twitter explica a alteração da música: “Mulambo é um termo que surgiu na Angola, na época da escravatura, os angolanos vieram para o Brasil, e eles eram chamados de mulambos pelos senhores de engenho, os patrões das fazendas”²². O termo está ancorado em um passado escravocrata e é cotidianamente utilizado como categoria de acusação, tanto racista como classista. A partir da avaliação das características desabonadoras, chegou-se à decisão pela abolição do uso do termo no cântico. De acordo com o dicionário Aurélio on-line²³, o vocábulo “molambo” tem como significado: pedaço de pano velho, roto, sujo, roupa esfarrapada. E “mulambo” é uma

²⁰ Em 2014, o goleiro negro Aranha, jogador do Santos, foi xingado de macaco por torcedores do Grêmio no estádio do clube gaúcho. O caso teve grande repercussão nacional e internacional e resultou em punições para o clube e uma torcedora. A partir desse episódio a diretoria do Grêmio proibiu cânticos contra o Internacional que continham a palavra macaco. A partir do entendimento de que tais cânticos incorriam no crime de injúria racial. Como revela Gustavo Andrada Bandeira (2019), parte da torcida do Grêmio considerou a ação como exagerada e desmedida. Contudo, tal episódio revela as alterações na forma de torcer nos últimos anos.

²¹ O Clube de Regatas do Flamengo foi fundado em 1895 como um clube de remo, a única e principal modalidade esportiva do clube. Apenas em 1912 o clube passou a ter uma equipe de futebol.

²² Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/futebol/torcida-do-fluminense-tenta-mudar-termo-racista-em-musica-de-provocacao-ao-flamengo-1-25288122>. Acesso em 26 fev. 2023.

²³ Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/mulambo-2/>>. Acesso em 26 fev. 2023.

corruptela de molambo, alterada ao longo da história pelo seu uso pessoal. Segundo a professora de português e mestre em linguística Monique Cassiano:

Com uma pesquisa um pouco mais apurada, é possível descobrir que “molambo” inseriu-se em nosso vocabulário por meio dos negros escravizados, pois dava nome ao pano que algumas tribos africanas amarravam à cintura. Com o passar do tempo, o termo foi tomando a forma depreciativa e de insulto e passou a ser usado como um adjetivo para caracterizar alguém sujo ou mal arrumado. Com base nos conhecimentos e debates da formação e das dinâmicas raciais da sociedade brasileira, é possível afirmar a relação do uso atual do termo com o fato dele originalmente se referir a uma vestimenta que era uma marca cultural de povos africanos. Com isso, a palavra “molambo” permanece nos dias de hoje com a denotação negativa e de xingamento por conta de suas bases históricas e aos povos aos quais ela remete - explicou a educadora.²⁴

No mesmo sentido, o doutor em linguística Gabriel Nascimento²⁵ argumenta sobre a origem do termo, e a forma pelo qual é empregado atualmente no Brasil:

O uso mais comum da expressão mulambo pode ser considerado racista, já que ela foi bastante explorada tanto na escravidão quanto na pós. O mais comum é usar esta palavra sempre sob a perspectiva que designa pessoas pretas, perspectiva de que essas pessoas não aparecem bem arrumadas.²⁶

Apesar da origem do termo no *quimbundo* não ter um significado negativo, no Brasil escravista o termo passou a ganhar uma conotação pejorativa, além de ser uma expressão comumente utilizada para insultar, acusar e caracterizar pessoas negras e pobres de maneira racista. Por mais que alguns críticos da abolição do termo defendam que a palavra em si não é adjetivo desabonador, o seu uso com o passar do tempo ganhou uma conotação estigmatizante e racial, configurando ofensa.

É importante sinalizar que a decisão da abolição do termo ‘mulambo’ não foi uníssona na torcida tricolor carioca. Foi uma decisão tomada pela torcida organizada Bravo 52 e contestada por outros torcedores nas redes sociais. A parte considerada racista da letra ainda é cantada por torcedores que não são membros da torcida ou pouco afeitos ao debate racial.

²⁴ Disponível em: <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/usar-a-palavra-mulambo-e-racismo-lance-conversa-com-historiadores-e-busca-o-significado.html>. Acesso em 26 fev. de 2023.

²⁵ Gabriel Nascimento dos Santos é professor, mestre e doutor em Letras. É autor do livro **Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**. A obra discorre sobre a linguagem do português falado no Brasil e a complexidade da desigualdade racial.

²⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2022/02/23/mulambo-e-palavra-racista-veja-o-que-dizem-especialistas-sobre-expressao-usada-por-djonga-que-causou-polemica.ghtml>. Acesso em 26 fev. 2022.

A crítica ao termo “mulambo” ganhou visibilidade em fevereiro de 2022, quando o rapper negro Djonga, torcedor do Atlético Mineiro, usou o termo para provocar os torcedores do time rubro-negro. Por ser negro e uma figura pública reconhecida por letras e ações de combate ao racismo, o rapper foi alvo de críticas ao fazer uso da expressão. Posteriormente, o rapper mineiro, por meio de um vídeo publicado em suas redes sociais, declarou:

Eu sinceramente não tinha visto mulambos e não sabia que tinha essa conotação racista, e olha que sou professor de história, estou precisando estudar mais (...) E estou aqui para simplesmente pedir desculpas. Eu não preciso explicar quem sou eu ou o que penso sobre racismo, o que luto, isso não vai apagar minha caminhada, minha luta.²⁷

A polêmica com o rapper atleticano revela o quanto o futebol está criando mecanismos de combate às opressões e como a expressão “mulambo” tem sido alvo de intensas críticas por torcedores de diversos clubes. Esse episódio ocorreu apenas quatro meses após a iniciativa da Bravo 52 em excluir a expressão do cântico.

A abolição do termo não pode ser desconsiderada do contexto histórico da rivalidade Fla-Flu, antagonizada como o primeiro sendo o time do povo e com grande torcida negra, enquanto o segundo majoritariamente formado por torcedores brancos e pertencentes às classes dominantes. Esse antagonismo reforça o imaginário social popular como as identidades acionadas pelas torcidas. Dessa forma, muitos insultos e xingamentos contra os flamenguistas são calcados em xingamentos raciais e classistas. Um cântico costumeiro dos times rivais é de xingar os flamenguistas de favelados ou de time de favela. Aqui compreendemos *favelado* como uma categoria de acusação e estigmatizante, acionada com o objetivo de ofender e atribuir negatividade.

As estatísticas revelam que, de fato, o Flamengo é um time composto por uma forte presença negra. Segundo a pesquisa do jornal *O Globo*²⁸, realizada em 2022, a torcida do Flamengo figurou como maior contingente de pretos e pardos²⁹, cerca de 25,4%. Em contrapartida, a pesquisa aponta o tricolor carioca com apenas 1% de torcedores autodeclarados pretos e pardos.

²⁷ *Ibidem*, p.4.

²⁸ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/esportes/noticia/2022/07/quais-sao-as-torcidas-mais-negras-do-futebol-brasileiro.ghtml>> Acesso em 26 fev. 2023.

²⁹ Segundo o IBGE, no Brasil, “negros” é a soma de pessoas autodeclaradas pardas e pretos.

A grande presença negra é também utilizada pelas torcidas adversárias para insultar os flamenguistas de maneira racista, o *racismo recreativo*³⁰. Além do termo “urubu”, a torcida flamenguista é insultada com xingamentos como “mulambos”, “favelados”, “macumbeiros”, “time de bandido”, etc. O próprio mascote do clube, o urubu³¹, tem origem no xingamento racista das torcidas rivais contra o clube rubro negro e foi ressignificado pelos flamenguistas. Todos eles referem-se ao fato do clube ter justamente uma parcela significativa de torcedores negros e de classes populares.

Mais um elemento de distinção acionado pela torcida tricolor e os demais rivais é o preconceito linguístico³². Os torcedores rubro-negros são constantemente acusados de “analfabetos” e “de falar errado” o nome do próprio clube, ‘Framengo’. Segundo a socióloga Lélia Gonzalez (1988)³³, falar ‘Framengo’ não configura um erro de pronúncia, mas sim, um resquício cultural das línguas africanas, em especial as línguas de origem banto. Para autora, o caráter tonal e rítmico das línguas africanas tem como característica a exclusão de consoantes como ‘l’ e ‘r’. Isso explica uma parcela da população, especialmente a mais pobre, costumeiramente falar ‘Framengo’.

Lélia Gonzalez (1988)³⁴ defende que no Brasil a língua corrente é o *pretuguês*, resultado da grande influência das línguas africanas na formação da língua falada pelos brasileiros. Segundo Marco Bagno (2014)³⁵, o preconceito linguístico está atrelado à desigualdade social e econômica, que produzem preconceito a partir da exclusão, crítica e discriminação da forma como as classes populares falam e escrevem. Nesse sentido, a língua e modo de falar configuram-se como elementos de alteridade, diferença e preconceito entre as duas torcidas.

Como aponta Roy Wagner (2010)³⁶, a identidade é forjada na alteridade de grupos sociais rivais, antagônicos, o “nós contra eles”. Na dinâmica das torcidas cariocas, não é diferente: enquanto a torcida tricolor é identificada com a elite, com a raça branca e a Zona Sul, em contraposição, a torcida rubro-negra é identificada com as classes populares, com a raça

³⁰ *Ibidem*, p. 4.

³¹ Na década de 1960 as torcidas rivais insultavam os flamenguistas com o xingamento de urubu. A ave negra é comumente utilizada como insulto racista contra pessoas negras. As torcidas rivais insultavam os flamenguistas justamente devido ao grande número de torcedores negros. A rejeição inicial do clube à alcunha de urubu foi ressignificada, passando de um insulto a um elemento de identidade. A torcida, inclusive, substituiu o primeiro mascote do clube, o Popeye, pelo Urubu.

³² BAGNO, Marcos. **O preconceito linguístico**. 48. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

³³ GONZALEZ, Lélia. “A categoria político-cultural de amefricanidade”. **Tempo Brasileiro**, n. 92/93, Rio de Janeiro, jan./jun.1988.

³⁴ *Idem*.

³⁵ *Ibidem* p. 12.

³⁶ WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2010.

negra e com as favelas e bairros periféricos. Essas identidades, apesar de “essencializadas”, não condizem com a realidade, já que as torcidas são muito mais complexas e plurais do que a identidade construída. Contudo, é a partir dessa identidade construída, do imaginário social, que são forjadas as rivalidades, sempre acionando as diferenças como um marcador.

Gustavo Andrada Bandeira (2019)³⁷ defende que nos estádios há códigos de sujeitos, mesmo que inexista uma homogeneidade no ato de torcer. Dessa forma, o processo de construção de identidade de cada torcida é forjado na produção antagônica da rival. É nessa produção que o torcedor rival é construído a partir de categorias desabonadoras e acusatórias, criando, assim, a negação do rival. O torcedor rival é, sobretudo, aquilo que o seu adversário não é, portanto, as características são sempre negativas e imersas em racismo, misoginia, homofobia, entre outras discriminações.

A iniciativa da torcida Bravo 52, de extinguir o termo considerado racista do seu cântico, configura uma importante iniciativa em busca de ações de combate às opressões nas arquibancadas do Brasil. Abandonando a máxima de “no futebol vale tudo” e promovendo práticas de combate à expressão, mesmo que não sejam de consenso de ampla parte dos torcedores tricolores, esse movimento está inserido na esteira do avanço de lutas progressistas nos últimos anos no Brasil protagonizadas pelos movimentos negro, feminista e LGBTQIA+.

Torcidas do Vasco da Gama e a luta pela diversidade e contra homofobia e transfobia

Em 1924, o Vasco era o principal time, ganhara o campeonato carioca de 1923 e em 24 considerado como uma ameaça para os dirigentes rivais. Com o objetivo de desestruturar o time, os clubes rivais passaram a investigar a vida profissional e social dos jogadores cruzmaltinos. Qualquer informação obtida que confrontasse as regras da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT) era o bastante para denunciar. As tentativas, sem sucesso, motivaram a união de América, Botafogo, Flamengo e Fluminense para a fundação, no dia 1º de março de 1924, de uma nova entidade, a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA). A comprovação de vínculo trabalhista e a alfabetização por parte dos atletas era uma exigência para ingresso na Associação. Segundo Mario Filho (2010), a criação da nova entidade foi um retrocesso. Era a velha época em que o branco era superior ao preto, do amadorismo, onde o esporte era para quem estava em cima.

³⁷ BANDEIRA, Gustavo Andrada. **Uma história do torcer no presente: elitização, racismo e heterossexualismo no currículo dos torcedores de futebol**. Curitiba: Aprris, 2019.

Contudo, o Vasco não enfrentaria problemas para encontrar um local de trabalho para os atletas, já que qualquer comerciante português abriria as portas. A questão da alfabetização também não impediria o ingresso na AMEA. Durante todo o ano de 1923, o Vasco preocupou-se em oferecer aulas para alguns jogadores. Posteriormente, tais exigências não foram consideradas suficientes para a continuidade do clube na Associação, que passou então a cobrar que o Vasco expulsasse de seu plantel os jogadores de origem negra e operária. O clube recusou a proposta imediatamente e o ofício assinado por José Augusto Prestes ficou conhecido como “Resposta Histórica”³⁸. Com a recusa, o Vasco permaneceu na abandonada Liga Metropolitana, junto com o Bonsucesso, Andarahy³⁹, Villa Isabel, e Mackenzie. Muitos não conseguiram ir para a AMEA devido às exigências, como, por exemplo, de estádio próprio. Como consequência, em 1924, houve dois campeonatos cariocas, um da Liga Metropolitana e outro da AMEA. O campeonato organizado pela Liga foi vencido pelo Vasco e superou tanto em arrecadação quanto em público, o torneio organizado pela Associação. Segundo Mario Filho (2010)⁴⁰, “a distinção que se estabeleceu entre AMEA e a Liga Metropolitana foi esta: uma, liga de clubes de brancos, a outra, liga de clubes de brancos, mulatos e pretos, tudo misturado”.

Desde 2011, o Vasco tem realizado ações institucionais em relação à pauta LGBTQI+. Nesse ano, o clube e a *Penalty*⁴¹ iniciaram a campanha “Eu Abro Mão”, que lançava o novo e 3º uniforme do clube, usando a interatividade nas redes sociais e a tecnologia. A *Agência Espalhe* assumiu todo o processo, desde a criação da logo até a ação final.

O movimento “Eu Abro Mão” relembra e homenageava o time vascaíno campeão carioca de 1923, que gerara a resistência aos vascaínos à imposição racista e excludente da liga, em 1924. Ações do clube, como da torcida, rememoram esse passado da luta contra o racismo.

A torcida vascaína traz em seus cânticos referências a história de luta contra o racismo, uma memória acionada, que rememora um fato histórico e positivo do clube. O cântico “Sou vascaíno, muito prazer” defende esse legado do time da cruz de malta como uma identidade,

³⁸ A “Resposta Histórica” é uma carta enviada por José Augusto Prestes, presidente do Vasco da Gama, para a Associação Metropolitana de Futebol em 7 de abril de 1924. Na carta o presidente cruzmaltino discorre sobre o preconceito contra os seus jogadores negros e pertencentes as classes populares e nega excluí-los do clube. A carta é concebida como um documento histórico que aponta a luta do Vasco da Gama em defesa da inclusão e contra o racismo.

³⁹ Andarahy Athletic Club é uma agremiação esportiva extinta da cidade do Rio de Janeiro, fundada em 09 de novembro de 1909 e encerrada no ano de 1973.

⁴¹ A Penalty é uma marca de artigos esportivos brasileira criada em 1970 na cidade de São Paulo, e que pertence à empresa Cambuci.

em uma parte da letra “*Eu já lutei por negros e operários/Te enfrentei, venci, fiz São Januário/Camisas Negras que guardo na memória*”. Fazendo uma referência à defesa do Vasco em manter seus jogadores negros na década de 1920 e também menção as conquistas dos trabalhadores e as festas do Dia do Trabalhador no estádio vascaíno durante a Era Vargas (1930-1945)⁴².

Se a torcida do Vasco da Gama preza a luta histórica contra o racismo e celebra o histórico de São Januário como palco de grandes conquistas do movimento operário brasileiro, outras pautas eram ignoradas. Em 2019, ao enfrentar, em São Januário, o São Paulo Futebol Clube, em partida pelo campeonato brasileiro, clube constantemente atacado por xingamentos homofóbicos, por ser taxado pela alcunha de “torcida gay”, a torcida vascaína entoou cânticos homofóbicos. Tal prática também era corrente em jogos contra o Fluminense, clube e torcida eram atacados pelos adversários com cânticos homofóbicos.

Partida esta que chegou a ser paralisada pelo árbitro Anderson Darronco até que a torcida vascaína cessasse o cântico homofóbico “Time de viado”. O jogo só retornou após jogadores e o técnico Vanderlei Luxemburgo pedirem à torcida, que atendeu de imediato⁴³. Contudo, o árbitro denunciou na súmula o clube pelos cânticos homofóbicos, resultando na denúncia do clube ao Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STTD). A partir do artigo 243-G⁴⁴ do Código de Justiça Desportiva, essa ação ocorreu após o Supremo Tribunal Federal equiparar o crime de homofobia com o crime de racismo, em 2019⁴⁵. No dia seguinte, o clube publicou uma nota de repúdio condenando o ato discriminatório⁴⁶.

Em 2021, na véspera do Dia Internacional do Orgulho LGBTQI+, o Clube de Regatas Vasco da Gama assumiu uma importante tarefa de celebração e conscientização dessa

⁴² Nas décadas de 1930 e 1940 o estádio de São Januário era o maior do Brasil e do Rio de Janeiro, então capital federal. O presidente Getúlio Vargas, muito ligado aos sindicatos e movimentos operários, realizava no estádio grandes festas do Dia do Trabalhador, com milhares de trabalhadores. Em especial foram assinadas por Getúlio Vargas em São Januário leis trabalhistas como a da criação do salário mínimo (1940) e a criação do Ministério do Trabalho (1941).

⁴³ Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2022/06/24/torcidas-do-vasco-assinam-codigo-de-conduta-contr-homofobia-e-transfobia.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 26 fev. 2022.

⁴⁴ O artigo 243-G do Código de Justiça Desportiva Brasileira enquadra a prática de discriminação e preconceito de origem étnica, raça, sexo, cor, idade e condição de pessoa ou portadora de deficiência.

⁴⁵ Em 13 de junho, em decisão histórica, a maioria dos ministros do Supremo Tribunal Federal decidiu criminalizar a homofobia e a transfobia. Nessa decisão o crime de preconceito contra pessoas homossexuais e transexuais foram equiparados ao crime de racismo, artigo 20 do Código Penal brasileiro.

⁴⁶ FEITOSA, A. P.; CÂMARA, M. T. “Futebol moderno”: o posicionamento de times de futebol contra a homofobia. *Pós-Limiar*, v. 3, e204753, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.24220/2595-9557v3e2020a4753>.

importante e necessária data no futebol, ambiente muitas vezes hostil à diversidade sexual, de forma mais contundente do que muitos outros clubes. No dia em que o Vasco jogou contra o Brusque Futebol Clube pelo Campeonato Brasileiro de Futebol, série B, empenhou-se em uma série de ações em apoio ao movimento LGBTQIA+. Além das ações supracitadas no artigo original, o Clube também lançou uma campanha publicitária em suas redes sociais, intitulada "Vasco contra a homofobia", na qual jogadores de futebol e outros membros do clube expressavam solidariedade e apoio aos direitos LGBTQIA+.

A campanha fez parte de uma série de iniciativas do Clube em prol da diversidade, inclusão e respeito. O Vasco⁴⁷ se comprometeu a construir políticas de inclusão e diversidade, promover o direito ao nome social na carteirinha de sócio-torcedor e implementar conteúdos transversais sobre gênero, sexualidade e diversidade no projeto pedagógico do Colégio Vasco da Gama. Outra iniciativa significativa do Clube foi o lançamento de uma camisa especial em homenagem ao movimento LGBTQIA+. A camisa é predominantemente branca, com a tradicional faixa diagonal em azul e vermelho do Vasco substituída por uma faixa com as cores do arco-íris, símbolo do movimento LGBTQI+⁴⁸.

Essas ações do clube da Cruz de Malta apesar de bem-intencionadas, podem ser categorizadas como ações de *pink washing* ("lavagem rosa"). O conceito de *pink washing* designa a estratégia de marcas, empresas, governos e demais instituições que produzem ações de combate à homofobia ou de promoção da comunidade LGBTQI+⁴⁹ apenas para valorizar suas respectivas marcas, mas não ações efetivas⁵⁰. A busca do *pink washing* está atrelada a um esforço das instituições privadas ou públicas para promover uma limpeza moral da imagem de

⁴⁷ Na final da Taça Guanabara em 2019, entre Fluminense e Vasco, o jogador cruzmaltino Felipe Bastos durante entrevista ofendeu o time a torcida com a expressão "time de viado". O clube Vasco da Gama se posicionou repudiando a fala do jogador e colocando-se contra qualquer tipo de discriminação. O clube Fluminense condenou a fala do jogador, se posicionou contra a homofobia e lançou a #TIMEDETODOS (BANDEIRA. 2019) Esse episódio revela como os clubes têm buscado condenar e combater as opressões tanto por parte dos torcedores como dos jogadores.

⁴⁸ Apesar de todas essas iniciativas em prol da inclusão e diversidade, o Vasco enfrentou críticas e resistências por parte de alguns torcedores. Muitos alegaram que essas ações eram supérfluas e que o verdadeiro foco do Clube deveria estar na construção de uma equipe competitiva. Outros chegaram a expressar constrangimento em torcer pelo Vasco por causa dessas políticas inclusivas.

⁴⁹ Essa sigla é a configuração atual que busca incluir a diversidade de identidades sexuais, orientações sexuais e gêneros. Na ordem a sigla significa: lésbicas, gays, bissexuais, pessoas trans, queer e intersexuais e o mais novas identidades, orientações e gêneros.

⁵⁰ ZAMBONI, Marcio Bressiani. **A população LGBT privada de liberdade: sujeitos, direitos e políticas em disputa.** 2020. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade São Paulo, São Paulo, 2020.

demais ações que as prejudicam, usando a pauta LGBTQI+ como um escudo de proteção para as críticas ou para evitar sanções ou punições⁵¹.

Em 2022, o Vasco publicou uma carta junto à sua torcida pelo “Movimento Contra a Homofobia e Transfobia no esporte brasileiro”⁵², lançou a campanha “Respeito e Diversidade”⁵³ de forma inédita no futebol brasileiro e colocou o clube mais uma vez na posição de combatente contra esses preconceitos que assombram o esporte e a sociedade brasileira, endossado pelas Torcidas Organizadas, com o repúdio público a cantos homofóbicos de parte da torcida no último jogo contra o time do Resende, válido pelo Campeonato Carioca de 2023. Como, por exemplo, o Manifesto das Torcidas do Vasco da Gama, em que diz:

As torcidas organizadas do Vasco aderiram sem hesitação, mostrando mais uma vez que uma instituição não se faz apenas de paredes e documentos. Uma instituição se constrói com pessoas dispostas a repensarem suas posições e, assim, contribuir para nosso crescimento como sociedade.

O Vasco é a comunidade que o acompanha. E essa comunidade faz o que é o correto e não apenas o que é mais fácil. A luta contra a homofobia e contra a transfobia não pode passar ao largo do nosso clube e daqueles que o seguem. Se o futebol é um vetor de mudança da sociedade, a torcida do Vasco decide por se posicionar, mais uma vez, em favor do respeito, igualdade e diversidade. E conclama a todas as torcidas do futebol brasileiro a fazer o mesmo.⁵⁴

O manifesto faz uma referência ao histórico vascaíno de combate ao racismo, reivindicando a identidade do clube e de sua torcida, de comprometimento com causas políticas e contra a discriminação. Aproximadamente 15 torcidas organizadas vascaínas assinaram o documento com o compromisso de não promover mais cânticos e demais práticas machistas, homofóbicas, transfóbicas e discriminatórias. O final do manifesto conclama as torcidas dos demais clubes a tomarem o mesmo caminho.

⁵¹Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2022/06/24/torcidas-do-vasco-assinam-codigo-de-conduta-contrahomofobia-e-transfobia.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 26 fev. 2022.

⁵² A carta Respeito e Diversidade foi lançada no dia 27 de junho de 2021, em meio às ações do mês de celebração do orgulho gay. A carta não foi só apoiada pela instituição Vasco da Gama, como também foi feito um mosaico no estádio com a palavra ‘Diversidade’ e a bandeira LGBT. A carta foi publicada no site do clube em português, inglês e espanhol. Disponível em: <https://vasco.com.br/movimentocontrahomofobia/#:~:text=O%20mundo%20dos%20esportes%20n%C3%A3o,R eproduz%2C%20enfim%2C%20sua%20in%C3%A9rcia>.

⁵³ O manifesto foi assinado pelas torcidas Guerreiros do Almirante, União Vascaína, Força Independente, Força Jovem do Vasco, Ira Jovem, Nova Era Cruzmaltina, Super Jovem Vasco, Torcida Organizada Vasco, Rasta do Vasco, Vasco LGBTQI+, Renovascão e Mancha Negra.

⁵⁴ *Idem*.

É importante sinalizar que a torcida Banda Alma Celeste, do Paysandu, em 2017, excluiu os cantos homofóbicos, em especial contra o arquirrival Remo, como aponta Kleber Sabóia Pinheiro (2019)⁵⁵.

Os integrantes da torcida celebraram em São Januário a assinatura do documento e confeccionaram bandeiras com o arco-íris e os dizeres “Vasco da Gama-Respeito-Igualdade”. O clube estabeleceu um Código de Conduta e Ética intitulado “MANUAL DE CONDUCTA ÉTICA DAS TORCIDAS ORGANIZADAS CRVG” que prevê advertências, punições e suspensões para os torcedores e membros das organizadas que praticarem assédio, discriminação e violência. O manual tem ao todo doze artigos, que versam sobre diversas questões, com destaque para o artigo 5º, que prega os princípios dos direitos humanos e estabelece como intolerável qualquer ato de intimidação, violência ou discriminação por motivos de cor, religião, nacionalidade, gênero, posição política, naturalidade, estética e diversidade funcional⁵⁶.

O manifesto das torcidas vascaínas não foi aceito por todos os torcedores, havendo mensagens críticas acusando a ação de “mimimi” e “ditadura do politicamente correto”. A principal torcida organizada vascaína, a Força Jovem Vasco, estava afastada dos estádios, devido a proibição da justiça por participação em atos violentos. O seu retorno ao estádio após a assinatura de um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), com o Ministério Público, provocou um frenesi, pois não se sabia se a torcida iria aderir, de fato, ao manifesto das torcidas. No dia 13 de fevereiro de 2023, a colunista Bereneci Seara, do jornal *Extra* publicou a notícia de que os ritmistas da FJV afirmaram que não cantariam mais músicas com letras⁵⁷ racistas, misóginas, homofóbicas⁵⁸.

No dia 12 de fevereiro de 2023, ocorreu a primeira partida do Vasco contra o Fluminense, após o manifesto. Historicamente a torcida vascaína entoava cânticos homofóbicos contra a torcida tricolor, mas segundo amigos e fontes que foram ao estádio, tais músicas não foram cantadas. À guisa de exemplo, essa música, que era cantada pela torcida vascaína em jogos contra o Fluminense:

⁵⁵ Em 2017, a torcida Banda Alma Celeste, do Paysandu aboliu os cânticos homofóbicos, que eram cantadas principalmente contra o maior rival, o Remo. Além da abolição dos cânticos a torcida também estendeu uma grande bandeira arco-íris, que representa o movimento LGBTQI+. Entretanto, a torcida foi vítima de torcedores contrários à iniciativa e também sofreu ameaças.

⁵⁶ *Ibidem* p. 17.

⁵⁸ Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/extra-extra/torcida-do-vasco-promete-banir-musicas-homofobicas-misoginas-racistas-25658666.html>. Acesso em 26 fev. 2023.

Autor desconhecido

Que Palhaçada
Esse Pó de Arroz
Tricolor viado
Passa maquiagem
E dá o cú depois

Essa música, claramente homofóbica, não foi cantada na partida contra o Fluminense, assim como demais cânticos com insultos contra as minorias sociais. Foi apenas uma partida, porém já aponta alguns efeitos positivos da ação política da torcida vascaína.

Considerações Finais

É sempre importante entendermos o papel do futebol brasileiro na construção da identidade nacional. Mantendo uma relação dialética com a mesma, é moldado e molda nossa cultura e a si mesmo. Ele atravessa a construção da identidade brasileira e é uma forma de expressão da identidade de seu povo. O futebol é considerado um importante elemento da cultura popular, que mobiliza milhões de pessoas e se faz presente em diversas esferas da vida social. O futebol, como um elemento cultural e também de identidade, é permeado pelos problemas sociais, tais como o racismo, a homofobia, e a misoginia, presentes no ato de torcer, como um reflexo da sociedade. A resignificação da forma de torcer é fruto das lutas dos movimentos identitários que ganharam força nos últimos anos, resultando em avanços incontestes⁵⁹.

O artigo discute a relação entre a torcida do Fluminense e as ações de combate ao racismo, assim como a história de lutas do Vasco da Gama e sua torcida. A ação política da torcida vascaína de excluir os xingamentos racistas, misóginos e homofóbicos está ancorada no passado do clube de luta contra o racismo, na resistência do Vasco da Gama em excluir jogadores operários e negros. A identidade vascaína, como um clube que lutou contra o racismo no pretérito, configura um dispositivo *sine quod non* de mobilização para alertar os torcedores para o devir histórico e protagonizar lutas contra as diversas formas de discriminação, tais como misoginia, homofobia e racismo.

⁵⁹ PINTO, Maurício Rodrigues. **Pelo direito de torcer: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol**. 2017. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política, Escola de Artes e Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

A torcida tricolor, que tem historicamente uma identidade ancorada no mito do pó de arroz, de um clube elitista e torcida de playboy, busca ressignificar a sua identidade e seu imaginário social. Não apenas defendendo uma pluralidade racial e social de seus torcedores, mas a partir de ações concretas como a iniciativa da torcida Bravo 52 de excluir termos racistas de seus cânticos. Nos dois casos, a identidade dos torcedores com o clube produz um papel importante, contribuem para a ressignificação e reatualização de novas formas de torcer⁶⁰.

Nos últimos anos, observamos que punições contra as torcidas que promovem práticas discriminatórias estão sendo mais recorrentes e as penas mais duras. Em 2017, o clube Paysandu foi o primeiro a ser punido pelo SJTD por ações homofóbicas no estádio. No ano de 2023, a Confederação Brasileira de Futebol aprovou penas mais duras para práticas discriminatórias dentro dos estádios, como perda de pontos, multa, e vedação do registro de transferência de jogadores⁶¹. Essas novas regulações e punições configuram um avanço concreto no que tange à luta contra as opressões no futebol e são frutos da pressão e reivindicação dos movimentos sociais.

As ações políticas das torcidas analisadas ao longo deste artigo nascem da maior tomada de consciência política dos torcedores, são construídas também na arquibancada e tem um alcance maior e genuíno. No sentido de que não nascem por medo de uma eventual punição, e sim, de uma conscientização da sociedade e das torcidas de que não há mais espaço para uma forma de torcer calcada em preconceito, na desqualificação e opressão de grupos sociais historicamente oprimidos. Algumas ações políticas no combate à homofobia podem ser consideradas *pink washing*, acionado por instituições públicas e privadas que realizam campanhas publicitárias sem de fato engendrar políticas concretas para a comunidade LGBTQI+ e combate às opressões.

Dessa forma, configura-se em um mecanismo fundamental essa uma nova forma de torcer que não é produzida pelas instituições como os clubes de futebol, a CBF, a FIFA ou mesmo por uma pressão punitiva do SJTD. Mas sim, por uma iniciativa própria e espontânea dos próprios torcedores, a partir de uma conscientização e um compromisso com as pautas políticas, identitárias e de orientação sexual. Portanto, não há um movimento vertical, de cima

⁶⁰ *Ibidem*, p. 2.

⁶¹ Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/noticia/2023/02/14/cbf-institui-punicoes-por-racismo-em-competicoes-brasileiras.ghtml>. Acesso em 26 fev. 2023.

para baixo, para gestar uma nova forma de torcer, mas de baixo para cima, gestado na torcida, nas arquibancadas, o que configura um fenômeno político importante.

Alguns dos seus efeitos já são vistos. Apesar dessas ações progressistas, como apontam Anselmo Feitosa e Marco Câmara (2020)⁶², muitos torcedores são contrários a tais iniciativas e demonstram, especialmente nas redes sociais, posições críticas e conservadoras contra a nova forma de torcer⁶³. Ainda há um longo caminho pela frente, mas os passos são e estão sendo dados na direção de uma forma de torcer livre de opressões. Gustavo Andrada Bandeira (2019) aponta mudanças significativas dos torcedores nos estádios brasileiros nos últimos anos, com o crescimento de pautas progressistas e relativas aos direitos humanos nas arquibancadas.

As rivalidades são construídas em processo de alteridade entre os sujeitos. E não é diferente com as torcidas de futebol que constroem suas diferenças e identidade em oposição aos seus rivais. As mudanças na forma de torcer apresentam uma necessidade de mudar tal processo de construção de identidade. Em que as torcidas se veem cada vez mais pressionadas a eleger novos marcadores de diferença com seus rivais, que não estejam imersos em práticas e ações discriminatórias, preconceituosas e excludentes.

No primeiro caso analisado, a torcida tricolor, ao abolir expressões racistas em seus cânticos, busca alterar sua identidade e imaginário social associado a um clube racista e atrelado às classes abastadas. Ou seja, uma ressignificação da identidade tricolor. No caso vascaíno, a uma busca de reforçar a identidade e o imaginário social do histórico do clube e de seus torcedores. Identidade esta construída a partir da luta contra o racismo na década 1920, que notabilizou o clube e seus torcedores como protagonistas na luta contra a discriminação racial, e na contemporaneidade, nas lutas contra a homofobia e a misoginia. As novas formas de torcer e o combate às opressões operam e alteram as identidades das torcidas.

Além disso, a análise das torcidas antifascistas e dos movimentos populares de torcedores revela a complexidade das relações de poder no futebol, destacando como as questões de classe, raça e gênero são constantemente reconfiguradas e debatidas por esses grupos engajados. A metodologia adotada neste estudo permitiu não apenas compreender as ações das torcidas, mas também abrir caminho para novas investigações sobre as dinâmicas sociais e políticas presentes nas arquibancadas.

⁶² *Ibidem* p. 2.

⁶³ Como aponta Gustavo Andrada Bandeira (2019) os torcedores contrários ao combate as opressões nos estádios acusam a imposição do politicamente correto.

Referências

- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ANDRADE, Matheus; GUIMARÃES, Ricardo. Usar a palavra 'mulambo' é racismo? Lance conversa com historiadores e busca o significado. Rio de Janeiro, **Lance**, 19 mar. de 2022. Disponível em: <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/usar-a-palavra-mulambo-e-racismo-lance-conversa-com-historiadores-e-busca-o-significado.html>. Acesso em: 26 fev. de 2023.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. **Uma história do torcer no presente: elitização, racismo e heterossexualismo no currículo dos torcedores de futebol**. Curitiba: Apris, 2019.
- BANDEIRA, G. A.; SEFFNER, F. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural (Marechal Cândido Rondon. Online)**, v. 29, p. 246-270, 2013.
- BAGNO, Marcos. **O preconceito linguístico**. 48. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- BROMBERGER, C. **Football**, la bagatelle la plus sérieuse du monde. Paris. Bayard, 1998.
- CALDAS, W., Aspectos sociológicos do futebol brasileiro. **Revista USP – Dossiê Futebol**, São Paulo, n. 22, p. 40-49, 1994.
- DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2002.
- DAOLIO, J. A Superstição no Futebol Brasileiro. *In*: DAOLIO, Jocimar (org.). **Futebol, cultura e sociedade**. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2005, v. 1, p. 3-19.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa, Difel, 1992.
- FEITOSA, A. P.; CÂMARA, M. T. “Futebol moderno”: o posicionamento de times de futebol contra a homofobia. **Pós-Limiar**, v. 3, e204753, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.24220/2595-9557v3e2020a4753>
- FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.
- GONZALEZ, Lélia. “A categoria político-cultural de amefricanidade”. **Tempo Brasileiro**, n. 92/93, Rio de Janeiro, jan./jun.1988.
- GUEDES, Simone L., **O Brasil no campo do futebol**. Estudos antropológicos sobre os significados do futebol. Rio de Janeiro: EDUFF, 1998.
- HELAL, R.; SOARES, A.J. e LOVISOLO, H., **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**, Rio de Janeiro, Mauad, 2001.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. 2009. **O clube como vontade e representação**. Dissertação (Doutorado) História Social da Cultura). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

MARTINELLI, Leonardo da Silva. Reflexões sobre os abalos da masculinidade hegemônica no futebol: das torcidas gays na década de 1970 aos campeonatos homossexuais da atualidade. **REVISTA CRÍTICA HISTÓRICA**, v. 11, p. 301-327, 2020.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PINHEIRO, Kelber Saboia. **A banda alma celeste**: a experiência de um grupo de torcedores na descriminalização das torcidas organizadas e no combate à homofobia. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Universidade Federal do Pará, Castanhal, 2019.

PINTO, Maurício Rodrigues. **Pelo direito de torcer**: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol. 2017. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política, Escola de Artes e Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SOARES, Antônio Jorge. História e invenção de tradições no campo de futebol. **Revista Estudos Históricos**, v. 13, n. 23, 1999.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara, Torcidas jovens e novos movimentos de torcedores no Rio de Janeiro: sentidos atribuídos à paixão futebolística e às manifestações torcedoras. Texto apresentado no I Simpósio de Estudos sobre Futebol. Museu do Futebol, USP e PUC-SP, 10-14 de maio 2010;

ZAMBONI, Marcio Bressiani. **A população LGBT privada de liberdade**: sujeitos, direitos e políticas em disputa. 2020. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade São Paulo, São Paulo, 2020.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2010.